

**CARPEAUX E A LITERATURA
ITALIANA**

ZAMBONI, Fausto¹

1 Docente do curso de Letras/Português/Inglês/Espanhol/Italiano da Unioeste, filiado ao grupo de pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura, na linha de pesquisa Literatura, História e Memória. Doutorando em Letras no Programa de pós-graduação da Unesp de Assis (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, na área de Literatura e vida social).

RESUMO: Apesar do reconhecimento da importância da atividade crítica do escritor austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux (1900-1978) na literatura brasileira, sua obra permanece ainda pouco estudada em muitos aspectos. Reconhece-se a sua dívida para com a crítica alemã e italiana, mas quanto a esta última não se passou muito além da mera menção ao fato. Através da leitura da sua obra, vê-se o quanto são profundas estas relações: suas principais influências na crítica literária são os críticos italianos Francesco De Sanctis e Benedetto Croce, entre outros. Também à literatura de criação o crítico austro-brasileiro foi bastante atento, e podem-se notar alguns "topos" constantes nas suas análises, principalmente a caracterização da literatura italiana como literatura de resistência, e a sua importância no conceito de "literatura européia", que parece essencial para se compreender a obra de Carpeaux. As inúmeras epopeias (obras pouco comuns na literatura moderna) na literatura italiana servem a Carpeaux de indícios para conclusões acerca do caráter do povo italiano, e vários autores, como Dante, Maquiavel e Manzoni retornam constantemente no interesse do crítico. Considerando que Carpeaux escreveu uma *História da literatura ocidental*, poder-se-ia estudar, comparativamente, sua visão histórica da literatura italiana com aquela apresentada em outras obras do gênero. Um estudo de literatura comparada poderia esclarecer aspectos importantes na obra crítica e historiográfica do escritor austro-brasileiro, e a compilação deste material seria útil do ponto de vista didático, colocando à disposição do público brasileiro um "desentranhamento" de uma história da literatura italiana de dentro da sua *História da literatura ocidental* e uma coletânea dos principais ensaios de Carpeaux a respeito de escritores italianos.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária, literatura comparada, literatura italiana.

RIASSUNTO: L'opera di Otto Maria Carpeaux (1900-1978), nonostante la riconoscenza dell'importanza della sua attività critica, continua poco studiata in molti aspetti. Riconosciuti i debiti alla critica tedesca e italiana, non si è andato oltre la semplice nominanza del fatto principalmente in quello che riguarda quest'ultima. Dopo una lettura attenta si può vedere la profondità di questi rapporti: i principali modelli del critico brasiliano sono, espressamente, gli italiani Francesco De Sanctis e Benedetto Croce, e il suo interesse ritorna sempre su alcuni scrittori come Dante, Machiavelli e Manzoni. Carpeaux ha individuato alcuni topoi costanti nelle sue analisi: vede la letteratura italiana essenzialmente come una letteratura di resistenza, importante per la comprensione del suo concetto di letteratura europea (che, a sua volta, è fondamentale nella sua opera), e il grande numero di epopee, genere poco diffuso nelle letterature moderne, gli serve come esempio della specificità di quel popolo. Potrebbe essere utile, per l'insegnamento della letteratura italiana, l'analisi della presentazione della letteratura italiana contenuta nei suoi saggi e dentro la *História da literatura ocidental*. Tale studio, al di là del suo valore pedagogico, potrebbe

chiarire aspetti importante delle concezioni letterarie di questo autore così importante per la nostra vita culturale.

PAROLE CHIAVE: Critica letteraria, letteratura comparata, letteratura italiana.

INTRODUÇÃO

A atuação de Otto Maria Carpeaux (1900-1978) na vida intelectual brasileira é de importância extraordinária. Nasceu na Áustria com o nome de Otto Karpfen (de origem judia, depois convertido ao catolicismo), estudou Direito e Filosofia na Universidade de Viena, ciências matemáticas em Leipzig, política em Berlim, sociologia em Paris e literatura comparada em Nápoles. Foi homem de confiança dos primeiros-ministros Dolfuss e Schussnigg, sendo obrigado a fugir na ocasião da invasão alemã na Áustria.

Chegando ao Brasil, fugindo do nazismo, em pouco tempo passou a escrever em português, tendo realizado como ensaísta e crítico uma das mais significativas obras do seu tempo. Escreveu uma monumental *História da literatura ocidental*, uma *Nova história da música* e vários volumes de crítica ensaística, além de ser destacado polemista em obras como *O Brasil no espelho do mundo* e *A batalha da América Latina*. Por sua erudição enciclopédica, tornou-se chefe de setor da *Grande Enciclopédia Cultural Delta-Larousse* e um dos editores da *Enciclopédia Mirador Internacional*.

Mesmo tendo a obra e a atuação intelectual reconhecidas, poucos esforços foram feitos para compreender seu pensamento e seu método crítico. Inicialmente, quem mais escreveu sobre Carpeaux foi o amigo (e para alguns, discípulo) Franklin de Oliveira, que destacou a imensa erudição e seu papel de divulgador das “Ciências do Espírito” no Brasil. Mais recentemente, houve um ressurgimento do interesse pela sua obra, com estudos dentro e fora da universidade; está em curso, inclusive, a reedição de parte dos seus escritos.

Em 1992, Alfredo Bosi lançou em livro uma coletânea de ensaios publicados no suplemento “Letras e artes”, do jornal carioca *A Manhã*. O Próprio Bosi, aliás, já havia louvado

o valor da sua atividade crítica na *História concisa da literatura brasileira*, “divisor-de-águas entre os modos de ler menores e, não raro, provincianos, e uma consciência crítica poderosa da literatura como sistema enraizado na vida e na história da sociedade” (BOSI, 1970, p. 545). No prefácio à coletânea *Sobre letras e artes* confessou a importância de Carpeaux para os seus anos de formação: “durante anos a fio, não bebi de outra fonte em matéria de crítica literária”(CARPEAUX, 1999). A própria *História concisa da literatura brasileira*, a obra mais conhecida de Bosi, é dedicada a Carpeaux, “mestre de cultura e de vida”, e se fecha com o julgamento da atividade crítica do autor da *História da literatura ocidental*, que é praticamente um hino de louvor.

Outro importante crítico brasileiro, Antonio Candido, é admirador da obra do austro-brasileiro: para ele, “Otto Maria Carpeaux poderia ter sido o que quisesse: cientista, crítico de arte, de música ou de literatura, líder político, doutrinador (...), um desses raros casos de capacidade universal, pois lia e aprendia muitas vezes mais do que os outros” (CARPEAUX, 1999). Carpeaux, aliás, foi o primeiro a introduzir no Brasil a combinação entre os métodos estilístico e sociológico, semelhante ao de Antonio Candido.

Mais recentemente, em 1999, a editora Topbooks iniciou a reedição das obras completas de Carpeaux, sob organização do filósofo Olavo e Carvalho. No ano de 2000, Mário de Souza Ventura defendeu sua tese de doutorado, na USP, sob o título *Mentalidade barroca e interpretação — a crítica literária de Otto Maria Carpeaux*; em 2002, publicou pela Topbooks *De Karpfen a Carpeaux*, sobre a vida do escritor antes da chegada ao Brasil. Em 2001, Maria Claudette de Souza Oliveira defendeu a tese de mestrado, também na USP, sob o título *Otto Maria Carpeaux: leitor de poesia brasileira*.

Mas, apesar do interesse suscitado ultimamente, devido à complexidade mesma de sua obra podemos dizer que estamos diante de um vasto campo, fértil e ainda inexplorado em muitas de suas possibilidades. Um dos assuntos ainda a ser estudado, e que promete resultados significativos, é a relação de Carpeaux com a literatura italiana.

CARPEAUX E A CRÍTICA ITALIANA

Por vezes é mencionada, na fortuna crítica sobre Carpeaux, a influência que teria sofrido de Croce, sem que se chegue muito além da mera referência ao fato. O crítico Franklin de Oliveira já havia notado que o seu método crítico “está mais perto do historicismo italiano pela ênfase dada à absoluta autonomia do Espírito” (OLIVEIRA, 1959, p. 30) e que a sua preocupação em distinguir o “princípio de individuação das obras” da relação histórica, supra-individual, parece provir de “influxo crociano”. Assim, para Franklin, o “processo operativo” de Carpeaux se distingue daquele de Auerbach na medida em que se aproxima de Croce (1959, p. 30). Contudo, Franklin preferiu estudar mais detidamente as relações de Carpeaux com o historicismo alemão. Também Alfredo Bosi tem opinião semelhante: para ele, “Carpeaux foi o nosso primeiro leitor dialético”, “educado junto aos culturalistas alemães e italianos do começo do século”(CARPEAUX, 1999).

A estreita relação de Carpeaux com a literatura italiana pode ser atestada por meio de alguns relatos de seus colegas da militância literária: Houaiss e Callado testemunham o seu vasto conhecimento lingüístico, ressaltando o conhecimento da língua italiana e inclusive dos dialetos, principalmente o siciliano. (CARPEAUX, 1978, p. 160) Em entrevista, o próprio Carpeaux erige como seu supremo modelo o crítico Francesco De Sanctis, apesar de reconhecer ter aprendido com muitos outros (LEITE, S. U. e LIMA, L.C., 1976).

Verificando em sua obra, notamos que as dívidas de Carpeaux em relação aos críticos e historiadores literários italianos é maior do que se pensa, ainda que pese a pouca atenção dada ao fato na sua fortuna crítica. A própria evolução do conceito “história da literatura”, para Carpeaux, passa de forma significativa pela literatura italiana, desde a publicação da primeira obra do gênero, *Dell' origine, dei progressi e dello stato attuale d'ogni letteratura* (1782-1799), escrita em italiano pelo espanhol de Juan Andrés. Posteriormente, o romantismo trouxe outra concepção de literatura e de tempo, e

quem melhor soube reuni-los numa obra de história literária foi, para Carpeaux, o crítico italiano Francesco de Sanctis, que transformou a “história dos movimentos” em história das idéias, usando as obras máximas da literatura italiana como ilustração da história moral da nação. De Sanctis “sempre acertou, com intuição infalível, através da expressão, o pensamento poético; e soube situar este último historicamente” (CARPEAUX, 1966, p 3525).

Depois, quando o positivismo transforma o conceito “tempo” em mero esquema de exposição cronológica, transformando a “história da literatura” num arcabouço de clichês e num novo academicismo, surge a oposição do filósofo e crítico Benedetto Croce, cético em relação à possibilidade de se fazer “história da literatura”. Para ele, o único objeto do estudo literário é a obra de arte, abstraindo-se os acessórios históricos e psicológicos, abolindo-se as fronteiras entre os gêneros. O estudo das relações históricas e psicológicas não teria qualquer sentido, devendo ser excluído como *non poesia*. Só seria possível o estudo monográfico e a integração da história literária na “história da civilização”. Croce teria restabelecido a dignidade da literatura, expressão específica e insubstituível do gênero humano, de qualidade estética intemporal.

Croce é o crítico sobre o qual mais escreveu Carpeaux, que o considerava “o maior dos críticos literários, o maior dos filósofos vivos, o maior dos historiadores vivos, a maior autoridade espiritual da Itália e talvez do mundo atual” (CARPEAUX, 1999, p.) [fonte]. Admirava a “fecundidade, a inteligência e sobretudo a vigorosa independência e coragem moral” (CARPEAUX, 1999, p.) do italiano, de quem parece ter herdado o hegelianismo, ainda que seja falante da língua de Hegel. Carpeaux diz dever ao “mestre” o método do pensamento dialético e o rigor da sua crítica, mas considerava-se um “discípulo apóstata”, “sem aderir a nenhuma das suas opiniões” (CARPEAUX, 1999, p.). Nesse sentido, escreveu a sua *História da literatura ocidental* (o que seria impossível para Croce) aproveitando as lições do crítico napolitano e,

ao situar as obras historicamente, buscava em primeiro lugar o seu valor individual e intemporal, único critério que ele considerava válido para uma obra entrar ou ficar excluída da literatura universal (CARPEAUX, 1966, p. 3549).

Carpeaux considerou a reação de Croce à possibilidade de se fazer “história da literatura” exagerada, mas válida como uma “tempestade purificadora”: depois dele, teria acabado a pretensão dos positivistas de introduzir os métodos exatos das ciências naturais nas “ciências do espírito”. Depois de Croce, vieram histórias literárias compreensivas, como as de Attiglio Momigliano (1936), “crítico de fina sensibilidade romântica”, que “atrás do valor estético do verso sentiu a emoção humana” (CARPEAUX, 1966, p. 3528), e a de Francesco Flora (1941), “grande historiador da literatura italiana, fino comentador de Dante e de prosadores contemporâneos” (CARPEAUX, 1966, p. 3527).

Os princípios que regem aquela que é considerada a principal obra de Carpeaux, a *História da literatura ocidental* devem, portanto, um significativo tributo à atividade dos críticos italianos. Ainda que o próprio Carpeaux reconheça a importância de inúmeras outras influências, torna-se evidente a importância da literatura italiana no que concerne à capacidade de realizar a síntese dos principais avanços da crítica em uma “história da literatura”.

A literatura italiana seria também “exemplar” na análise estilística, sem “nenhuma semelhança com a análise estilística dos Vossler e Leo Spitzer, nem com o ‘close-reading’ dos críticos norte-americanos” (CARPEAUX, 1966, p. 3529). Na análise estilística, seriam campeões na Itália os críticos Alfredo Gargiulo, Gianfranco Contini e Giuseppe De Robertis.

A literatura italiana reunia, então, as duas características que Carpeaux mais admirava e que procurou sintetizar na sua atividade crítica: o historicismo e a estilística. Contudo, nunca se deu a devida importância à notável influência da crítica italiana na sua obra, que ele considerava a de mais alto nível entre todas, pelo alto nível filosófico e por estar isenta do exagero pseudo-científico.

A LITERATURA ITALIANA E O PROBLEMA EUROPEU

A idéia de “Europa” — o “problema europeu” — está entre as preocupações permanentes de Carpeaux. É, de certa forma, um dos princípios que norteiam a sua *História da literatura ocidental*: não seria possível uma história literária do ocidente sem a abolição das fronteiras nacionais. Para ele, Europa e América seriam partes da mesma civilização, por apresentar uma unidade superior a todas as muitas diferenças contingentes; formariam a civilização ocidental, de caráter europeu. Não apenas um *espírito de época* daria forma às expressões artísticas em determinados países ou épocas, mas um grande movimento espiritual, supranacional, formaria uma espécie de sinfonia, acima e além das fronteiras nacionais e lingüísticas. A sua história literária é estudada como “expressão estilística do Espírito objetivo, autônomo”. Nota-se aí uma evidente influência hegeliana, herdada principalmente através de Dilthey, Croce — que lhe ensinou a “leitura permanente de Hegel” (CARPEAUX, 1999, p.) — e De Sanctis.

Goethe, Herder e Friedrich Schlegel lhe ensinaram o conceito de Literatura Universal, a idéia de um paralelismo na evolução de todas as artes e a existência de uma lei de evolução espiritual. Croce contribuiu para a abolição das fronteiras, negando a separação entre as artes e os gêneros. Estava preparado o terreno para uma concepção de Literatura ocidental — ou antes, *Européia* — que nortearia a sua obra máxima.

A idéia de uma Europa livre e internacional sempre foi cara a Carpeaux, desde os seus tempos de militância política na Áustria, imediatamente antes da Segunda Guerra Mundial. Sentiu na pele a falência deste projeto, sendo obrigado a fugir e, por fim, a emigrar para o Brasil. Viu a ascensão dos totalitarismos, a destruição da Europa pela Segunda Guerra e sua divisão pela Guerra Fria. Quando o mundo à sua volta parecia desabar, procurou sustentar-se através da “Igreja invisível do Espírito”, e ali pôde manter viva a sua idéia de *Europa*, unida pela herança cultural comum.

O estudo das relações entre Carpeaux e a literatura italiana deve contribuir, por vários motivos, para o esclareci-

mento da concepção de *Europa* em sua obra. Convém ressaltar, antes de tudo, o amor confessado pelo crítico em relação ao povo italiano (“um povo que sempre amei”) e à literatura italiana, “uma das maiores”, “uma escola de firmeza de caráter” de um “povo humilde, muito velho, invariável desde os séculos da antiguidade, um povo épico, o mais velho dos povos europeus e o mais europeu” (CARPEAUX, 1942, p. 274).

As inúmeras epopéias da literatura italiana (de Dante, Ariosto, Tasso) levam Carpeaux a atestar o caráter épico, antigo daquele povo: “sobre este pequeno povo arqueia-se um Olimpo”, onde “resplandece o último raio do sol jônico, do sol de Homero” (CARPEAUX, 1942, p. 275). Mesmo em obras que estariam fora do gênero “epopéia” ele vê traços épicos, como no romance *I promessi sposi*, de Manzoni (que ele considera o maior romance histórico), epopéia da “gente simples e iletrada, que não participa de glória histórica nenhuma, mas é a substância indestrutível, o fundamento da história” (CARPEAUX, 2005, p. 450). O mesmo ocorre na obra de Giovanni Verga, na qual Carpeaux vê o choque entre o povo antigo da mais “homérica, primitiva, bárbara e clássica” (CARPEAUX, 1999, p.) das regiões italianas, a Sicília, com a nova situação do Risorgimento.

Carpeaux quer ver, através da literatura, a índole própria do caráter italiano: “eu sonho com uma história da literatura italiana onde se veria, através das letras, a incomparável estabilidade do caráter italiano sob a pressão dos mais terríveis sofrimentos e tribulações (...) Tal história seria uma lição, e se a firmeza se partiu, uma advertência” (CARPEAUX, 1942, p. 274). Seriam professores na “escola de firmeza de caráter”, sobretudo, Dante, Maquiavel, Alfieri, Manzoni e Croce.

Em certos movimentos nascidos na Itália, pôde vislumbrar um alcance surpreendente na história moderna e contemporânea europeia. Os discípulos radicais de São Francisco de Assis, os *Spiritales*, seriam precursores da Renascença, criando teorias sobre o estado leigo, sendo precursores

da física e da economia moderna, e criadores da teoria do contraponto, que deu origem à música clássica. A idéia de uma terceira Igreja, secularizada, transformou-se em idéia de um Terceiro Reino. A evolução iria até a Igreja humanitária dos maçons, passando pelo Terceiro Reich e o bolchevismo (CARPEAUX, 2005, p. 474-478).

Em relação ao problema europeu pode-se destacar também a importância dada à literatura triestina, por sua posição central na Europa, pela diversidade étnica que propicia o encontro entre povos de origens eslavas, austríacas, italianas e judias, fonte de riqueza cultural e origem de muitos conflitos; Carpeaux destaca, ali, a produção de Svevo e Saba.

Em Dante, confessadamente uma de suas “influências profundas”, pôde encontrar atualidade no seu projeto político para a Europa. A sua idéia de uma Monarquia Universal seria, para ele, uma espécie de “Liga das Nações personificada, mero instrumento da ordem internacional acima das soberanias parciais, como um federalista” (CARPEAUX, 2005, p. 236), algo semelhante à idéia de uma Comunidade Européia, hoje.

Enfim, o estudo das relações entre Carpeaux e a literatura italiana poderia ajudar a esclarecer a idéia de “Europa” na sua obra que, pelo que se pode notar, vai além de um mero conceito geográfico. A investigação poderia esclarecer ainda algumas outras questões: por que o povo italiano é o “mais europeu dos povos”? O que significa a insistência no caráter “épico” do povo italiano? Qual é, exatamente, o “projeto europeu” e o “problema europeu” a que alude Carpeaux? Não é, ao que parece, um problema secundário na sua obra, visto o seu empenho em integrar as histórias literárias das nações numa história européia (ocidental), sem divisões de caráter nacional. Ao buscar esta unidade superior, o estudo da relação de Carpeaux com o “mais europeu dos povos” pode ser muito esclarecedor.

UMA LITERATURA DE RESISTÊNCIA

Um dos principais temas que fazem Carpeaux voltar à literatura italiana é político: o tema da resistência, que poderia ser relacionado a motivos profundamente pessoais: a perseguição racial, o nazismo, a Segunda Guerra Mundial, a fuga e o exílio no Brasil.

Dentre os escritores italianos que mais influenciaram Carpeaux, neste sentido, está Dante. Sua atitude de resistência à tirania levou-o a abandonar todos os partidos e a agir usando uma arma de valor mais permanente: a arte. Dante seria um espírito essencialmente político, porém apertado, de um modo semelhante ao do próprio Carpeaux, que estabeleceu alguns paralelos entre a sua vida de exilado e a do poeta, concluindo que só havia entendido plenamente a obra de Dante depois da experiência do exílio. Só então pôde compreender o sentido vital da *Divina Comédia*, “biografia permanente da espécie humana” (CARPEAUX, 2005, p. 703). Algumas semelhanças biográficas se aplicam também ao caso de Vico: ambos viveram num ambiente de isolamento cultural, “buscando o sentido superior atrás do absurdo da catástrofe” (CARPEAUX, 1942, p. 57), evitando adesões apressadas: “numa época em que todos são interrogados sobre a qual partido pertence, Vico teria tido a coragem de passar sem ouvir a pergunta” (CARPEAUX, 1942, p. 58).

Maquiavel é outra dentre as principais influências admitidas pelo próprio crítico, que defende o escritor florentino, caluniado pelos séculos: sua teoria seria “irrefutável como doutrina política”. Defendendo-o da alcunha de oportunista, compara-o ao seu contemporâneo Guicciardini, o verdadeiro oportunista, uma espécie de anti-herói do idealismo político, mas um bom antídoto aos messianismos que abolem os antigos valores, sem poderem substituí-los por outros; seria Guicciardini, portanto, um escritor da maior atualidade.

Em outro caso, Carpeaux reconhece o valor da atitude do dramaturgo e mau poeta Alfieri, defensor intransigente da liberdade contra a tirania: a tirania dos aristocratas, dos burgueses e até do povo. Já a obra-prima de Manzoni, o romance

I promessi sposi, seria “romance político e fatalmente trágico”, que “suscita, após cinco séculos de silêncio, uma voz que chama para a ação” (CARPEAUX, 1999, p.). No romance de Manzoni a resistência transcende o sentido político, assim como na obra de Svevo: seus personagens Zeno Corsini e Mario Samigli são os “legítimos representantes da humanidade que conseguiu sobreviver, no entanto” (CARPEAUX, 2005, p. 119), a todas as tragédias e humilhações da existência.

Entre os seus contemporâneos, Carpeaux admira especialmente a atitude de resistência de Benedetto Croce dentro da Itália fascista. Croce combateu vigorosamente o fascismo; na sua ação solitária, “não conheceu o medo”, opondo-se publicamente, “com coragem incrível, ao ditador manchado do sangue de Matteotti. Nunca pensou em fugir, nem quando lhe irromperam em casa, destruindo-lhe os livros, ameaçando-lhe a vida” (CARPEAUX, 1999, P. 417). Mas há o lado trágico da atuação de Croce: como espírito essencialmente de oposição, contribuiu involuntariamente, com sua “poderosa dialética”, para o surgimento do fascismo.

Croce teria sido o último representante da “escola de firmeza de caráter” que foi a literatura italiana; “entre moluscos, o único caráter, o último dos grandes profetas italianos que castigam e amaldiçoam por amor” (CARPEAUX, 1942, p. 277). Depois dele, a resistência assume um caráter coletivo, no movimento do neo-realismo. A literatura neo-realista é, para Carpeaux, uma literatura de resistência, com escritores das mais diversas tendências. Teria reagido, ao mesmo tempo, à *prosa d’arte* que dominou a Itália entre 1900 e 1940, e à ditadura fascista.

Uma primeira apreciação das relações entre Carpeaux e a literatura italiana é suficiente para perceber como é recorrente o tema “resistência”. Mas é, quase sempre, o caso de resistências malogradas, ou sem efeito real na vida prática: assim foi o caso de Dante, de Maquiavel, de Alfieri, de Croce. Como explicar a atração por Carpeaux diante do heroísmo impotente dos escritores italianos? Seria, talvez, o ideal da “impossível autonomia do espírito”, com todas

as suas contradições, da qual, para Carpeaux, Croce teria sido um dos últimos representantes.

CONCLUSÃO

Nota-se, portanto, que apesar de conhecidas as estreitas relações do método crítico de Carpeaux com a crítica italiana, pouco se avançou além da mera menção ao fato. Permanece, portanto, um terreno inexplorado as dívidas de Carpeaux com esta crítica que teria tido uma “evolução exemplar”, especialmente no caso de De Sanctis, do idealismo crociano e da crítica estilística.

Não foi menor sua atenção à literatura de criação na Itália, e uma primeira leitura já permite vislumbrar “topos” constantes aos quais sempre o crítico sempre volta, como, por exemplo, o tema da “resistência”. O estudo das ligações entre esta perspectiva (a literatura italiana como literatura de resistência) e a sua vontade de ver uma história literária em que se percebesse a “incomparável estabilidade do caráter italiano sob a pressão dos mais terríveis sofrimentos e tribulações” pode trazer resultados interessantes, principalmente se considerarmos a afirmação de Carpeaux de que aquela literatura consistiria numa lição da “firmeza de caráter” do “mais europeu dos povos”. Os resultados poderiam contribuir não só para ajudar a compreender a sua visão da literatura italiana, mas também o seu pensamento e a sua crítica.

Seria proveitoso “extrair” da sua *História da literatura ocidental* uma “história da literatura italiana”, e compará-la com as principais obras do gênero. Assim, poderíamos verificar não só a perspectiva do próprio Carpeaux em relação aos historiadores literários italianos, mas também de que forma ele se diferencia da crítica italiana na composição da história literária. Um tal “desentranhamento” poderia ter também utilidade didática no ensino da literatura italiana no Brasil, oferecendo uma visão da literatura italiana do ponto de vista de um escritor radicado no Brasil.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Queroz, 2000.

CARPEAUX, O. M. *História da Literatura Ocidental*. VIII v. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1966.

_____. *Ensaio reunidos I*. Org. de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. *Ensaio reunidos II*. Org. de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

_____. *Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. *A cinza do purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1942.

LEITE, S. U. e LIMA, L.C. In: *José. Literatura, crítica & arte*. Nº. I, julho 1976.

MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. 2.v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *Interpretações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

OLIVEIRA, F. *A fantasia exata*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

_____. *A semana de arte moderna na contramão da história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.